

CONFIGURAÇÕES RELACIONAIS E CONFLITOS NO UNIVERSO PENITENCIÁRIO BRASILEIRO.

Francisco Vanderlei de Lima
Vanderlan Silva

RESUMO: Neste trabalho procuramos discutir o papel dos conflitos e da violência no universo penitenciário brasileiro. Os resultados aqui apresentados são frutos de duas pesquisas empíricas realizadas em uma penitenciária situada no Nordeste brasileiro. Ao todo realizamos vinte e sete entrevistas com penitenciários em um universo no qual se encontravam cerca de setecentos e quarenta. As entrevistas foram realizadas nas dependências da Penitenciária do Serrrotão, em Campina Grande-PB. A escolha dos informantes se deu a partir das sugestões da direção da instituição penal, das indicações dos próprios informantes, bem como dos contatos que o pesquisador foi estabelecendo ao longo do processo de pesquisa. Além dos dados obtidos através das entrevistas, realizamos muitas visitas aos internos nos dias reservados pela direção para este fim. Nessas ocasiões, nossa presença se fazia não na condição oficial de pesquisador, mas de «amigo » que vinha visitar um conhecido, sendo submetido, como todo visitante, às revistas e aos breves questionamentos feitos pelos agentes penitenciários sobre o grau de ligação com o interno a ser visitado. Essas circunstâncias “informais” acabaram por se mostrar de fundamental importância no processo de compreensão das configurações relacionais daquele universo. O acesso aos pavilhões e às celas dos internos nos ajudou a melhor compreender o cotidiano dos internos. Comumente pensada por estudiosos a partir do conceito de “instituição total” proposto por Goffman, o que implicaria não apenas em uma redução crescente dos contatos dos presos com o mundo externo ao universo penitenciário, mas numa redução drástica da influência de parentes e amigos na vida dos condenados. Nossa pesquisa revelou, entretanto, que embora o conceito proposto por Goffman continue tendo sua validade, a sua utilização não pode se dar de maneira “automática” a toda situação prisional. Na realidade da penitenciária, locus de nossa análise, o conjunto de relações estabelecidas pelos presos passa por um processo de reconfiguração com parceiros, amigos e familiares. Em muitos casos, observa-se uma diminuição e em outros uma maior intensificação, particularmente com mães, amigos e namoradas que passam a visitá-lo com frequência, seja por saudade, solidariedade, etc. A reconfiguração relacional se observa também com relação aos novos colegas que o interno passa a ter uma vez que “cai na prisão”. Obviamente que a possibilidade de construir novas amizades não se traduz necessariamente em relações concretas com a simples chegada à penitenciária, pois tal concretização depende das escolhas que cada interno fará e como se situará no campo das relações entre os penitenciários, sempre marcadas por conflitos, sejam eles latentes ou manifestos. Nesse sentido, o conjunto de relações externas e internas diz muito sobre o lugar do indivíduo no universo penitenciário. Da escolha da cela onde se vai morar, passando pela possibilidade de trabalhar internamente, até a garantia da própria vida, o cotidiano penitenciário é marcado pelas alianças e pelos conflitos. Na fala de um informante, que diz: “na cadeia cada um é o que tem”, o universo prisional parece se revelar.